



Neamp

Paulistano e Corinthians: Conflitos e negociações na Liga Paulista de Futebol em 1913.

Prof. Dr. Alfredo Oscar Salun*

Resumo:

O presente artigo analisa a ascensão do Corinthians ao campeonato oficial e o processo de cisão na Liga Paulista de Futebol liderado pelo Paulistano em 1913, onde discutimos como a historiografia e os jornais de época, retrataram esse episódio.

Abstract:

The present article analyses the conflicts and negotiations in the Paulista League Football in 1913, involving two clubs, CA Paulistano and SC Corinthians. Also discussed how the historiography and the newspapers portrayed this episode.

De acordo com a versão oficializadora, Charles Miller introduziu o futebol no País em 1894, quando retornou dos estudos no Banister Court School e esse esporte rapidamente se expandiu entre os diversos estratos sociais, foi praticado em escolas como o Mackenzie College, Anglo-Brasileiro, Ginásio Nacional, São Bento e o Vicente de Paula, entre funcionários de fábricas, ferrovias e comerciários.

Como bem destacou Hilário Franco Junior (2007) o futebol, desde seus primórdios, se apresentou como um fenômeno de identidade, uma vez que equipes como o São Paulo Athletic e o Paulistano reuniam grupos sociais da elite. O primeiro, ligado a imigrantes ingleses e o segundo, às famílias tradicionais paulistanas, ou o Mackenzie, que aglutinava em suas fileiras os alunos da instituição. O mesmo se aplicou aos clubes de colônia como Germânia, Lusitano, Portuguesa, Ruggerone, Palestra Itália e Sírio ou ainda os clubes ligados às fábricas e empresas ferroviárias.

Na capital paulista foi organizado um torneio patrocinado pela Liga Paulista de Futebol (LPF) fundada em 19 de dezembro de 1901, responsável pela realização do primeiro campeonato paulista em 1902, vencido pelo São Paulo Athletic, que junto com a Associação Atlética MacKenzie College, Sport Club Internacional, Sport Club Germânia, Club Atlético Paulistano e Associação Atlética das Palmeiras formariam a nata do futebol paulista durante alguns anos.

* Alfredo Oscar Salun, Doutor em História Social pela USP, mestre em História Social pela PUC-SP, professor da UniABC, autor do livro *Zé Carioca vai à guerra* (editora Pulsar), pesquisador do NEHO\USP e GERP\UniABC. Email aosalun@uol.com.br



Neamp

Foram os indivíduos ligados a esses clubes que formaram o núcleo de dirigentes da LPF, muitos desses jovens eram oriundos de classes sociais abastadas, dessa maneira, era natural que na LPF houvesse certo distanciamento entre os clubes que participavam de seu campeonato daqueles que surgiram nos bairros operários, que disputavam seus jogos na várzea e sonhavam participar dos jogos oficiais. De acordo com determinada corrente historiográfica, essa separação foi subvertida dez anos depois da fundação da LPF, quando outros grupos sociais ascenderam à disputa dos campeonatos oficiais.

A popularização do futebol, assim como a de outros esportes, como afirma Nicolau Sevcenko, transformou radicalmente a relação do público com o espaço urbano, desenvolvendo um novo conceito do corpo individual e social como máquinas:

O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua. É lá que está a ação. Não é que repousar não seja mais viável, é que se tornou uma obsolescência, uma caduquice. Não é descansando que alguém se prepara para semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos estimulando os sentidos, excitando o espírito.(SEVCENKO, 2000, p.33)

Os jornais noticiavam o novo estilo de vida, urbano e moderno, com um dinamismo diferente da pacata vida no interior. O público se reunia para aplaudir os novos ídolos, que podia ser um mulato rico ou de origem humilde, um branco de família tradicional ou filho de imigrante, ou mesmo um negro, que em breve ocuparia amplo espaço na crônica esportiva. O entusiasmo popular como mecanismo de motivação aos competidores no remo, ciclismo, boxe, automobilismo, natação ou maratona, transformavam o público de mero expectador em um agente ativo da própria ação.

Os clubes acompanham essa transformação dos costumes, adquirindo patrimônio e feições particulares. Invariavelmente, esse crescimento esteve ligado, nos anos 1920 e 1930, à consolidação do futebol como o esporte de massa. Dos clubes tradicionais, somente o Paulistano conseguiu sobreviver como “time grande” até o encerramento de suas atividades futebolísticas, na medida em que agremiações “populares” como Corinthians e Palestra Itália, ocuparam posição de destaque no cenário esportivo paulista sobrepujando em títulos e patrimônio os denominados clubes de elite.



Neamp

As crônicas sobre a fundação do Corinthians dramatizaram uma experiência presente no cotidiano de inúmeras equipes varzeanas criadas naquele período e refletem também a trajetória de um clube que, com o passar dos anos, virou um fenômeno que ultrapassou as barreiras do futebol e se transformou em um pólo de identidade.

O Corinthians Paulista conseguiu reunir, já nos primeiros anos de existência, elementos de diversos grupos como italianos, espanhóis, árabes, portugueses e alemães, que se uniram aos brasileiros em nome de uma paixão: o futebol.

De acordo com Lourenço Diaféria (1992) a primeira diretoria eleita demonstra que era um clube fundado por trabalhadores dos mais variados setores, como o alfaiate Miguel Battaglia, Alexandre Magnani que tinha a profissão de cocheiro e fundidor, como também os operários Joaquim Ambrósio, Carlos da Silva, Rafael Perrone e Anselmo Correia.

Primeira Diretoria do Corinthians:

Presidente - Miguel Bataglia

Vice-presidente - Alexandre Magnani

Secretário – Salvador Lopomo

Tesoureiro – Jorge Campbell

Procurador – Felipe Valente

Cobrador – João Morino

João da Silva, Antonio Nunes e Carlos Silva foram nomeados diretores especiais.

A iniciação no campo esportivo ocorreu em 10 de setembro de 1910: Corinthians 0 X União da Lapa 1. O alvi negro foi escalado com: Valente, Perrone e Atílio, Lepre, Alfredo de Assis e Francisco Police; João da Silva, Jorge Campbell, Luiz Fabi, César Nunes e Joaquim Ambrósio.

A mesma equipe foi repetida nos dois jogos seguintes, contra o Estrela Polar e a Associação Atlética da Lapa. Desse primeiro esquadrão, alguns atletas ocupavam cargos de direção no clube, como Valente, Campbell, Nunes, Ambrósio e João da Silva, e os outros eram associados, pois era uma agremiação criada para que seus sócios pudessem praticar atividades esportivas, notadamente o futebol.

Miguel Bataglia esteve à frente do Corinthians por pouquíssimo tempo e seu lugar foi ocupado por Alexandre Magnani, que esteve na presidência por quatro anos. Foi sucedido por Ricardo de Oliveira que enfrentou vários tipos de problemas: alguns ligados à situação financeira, como



Neamp

também a crise iniciada por um dos sócios fundadores, Anselmo Correia, que se considerava injustiçado por ter perdido a posição de goleiro no segundo quadro para um sócio mais novo, Sebastião Casado.

De acordo com a ata de 11 de julho de 1913, o diretor de futebol Casimiro de Abreu, contornou a situação, apaziguando os ânimos do sócio descontente.

Tendo entrado na qualidade de sócio um goal keeper muito superior ao sr. Anselmo Correia, a comissão não tinha hesitado na escolha e que tal medida tinha sido correta, porque tanto Anselmo Correia quanto Sebastião Casado eram sócios com os mesmos direitos. (Salun:2008)

Esse conflito evidenciou a prerrogativa que os associados tinham de discutir sua escalação no time, fato importante o suficiente para ser detalhado nas atas. Isso se deveu aos estatutos do clube, pois dentre os direitos dos jogadores no artigo 18º, estavam previstos:

1- Os jogadores do primeiro e segundo quadro, bem como seus reservas são isentos de qualquer contribuição, quando considerados efetivos nesses quadros, pelos diretores de esporte.

a) Os jogadores que sem motivo justificado, faltarem aos treinos ou aos matches ficarão sujeitos às penas que serão impostas pela Diretoria....

b) Jogador algum, poderá comprometer-se para jogar em clube estranho, sem prévio consentimento da Diretoria.

c) Os jogadores recorrerão a Diretoria, todas as vezes que julgarem injustas as resoluções dos capitães e diretores esportivos.¹

O campeonato disputado na cidade de São Paulo de 1902 até 1912, foi patrocinado pela até então única entidade: a Liga Paulista de Futebol, mas a partir de 1913 até 1937, tivemos inúmeras crises entre os dirigentes, que resultou na criação de ligas rivais que patrocinavam seus próprios campeonatos.

O sucesso do alvinegro na várzea foi muito rápido e em 1913, ascendeu ao campeonato oficial (LPF), ao vencer em dois jogos eliminatórios no mês de março, outros postulantes: o Minas Geraes Football Club e o São Paulo do Bexiga. Esse torneio classificatório foi realizado no campo do

¹Estatutos do Sport Clube Corinthians Paulista de 1918, registrado por Gastão Vidigal no Registro Geral de Hipotecas (1ª Circunscrição-SP). Arquivo Família Cassano.



Neamp

Velódromo que, com o Parque Antártica e a Chácara Dulley, eram locais requintados onde se disputavam os jogos oficiais pela liga.

Alguns autores consideram que as partidas eliminatórias disputadas pelo Corinthians foi uma forma de tentar impedir o acesso de “operários” e clubes varzeanos na liga, mas esse procedimento já havia sido adotado em outras ocasiões anteriores, com a Atlético Palmeiras (contra o Internacional de Santos) e o Ypiranga (enfrentando o Savóia e o Vila Buarque).

O jornal *O Imparcial* não analisou com efusão o aumento do número de clubes participantes na LPF em 1913, apontava que o entusiasmo pelo futebol parecia minguar e considerava ser mais salutar para o desenvolvimento desse esporte, que os atletas corinthianos disputassem a competição pelas equipes tradicionais:

Embora se diga aos quatro ventos, que o futebol vai tomando novo incremento, adquirindo a primazia dos esportes em São Paulo, para nós, afigura-se que nunca esteve tão desanimado...Basta dizer que o veterano São Paulo Athletic se retirou da liga e que o campeonato disputado de junho a dezembro sem o menor interesse...tudo isso contribuiu para que o público se afastasse do Velódromo e que não se realizasse os quatro “matches” finais....apesar do Corinthians ser um team valoroso, seria melhor distribuir seus jogadores entre os clubes...

O Imparcial (15.04.1913)

Nesse ano ocorreu a primeira grande cisão no futebol paulista, quando os clubes de elite (assim denominados pela historiografia), mas chamados pela imprensa da época de veteranos ou tradicionais, como o Paulistano, o Mackenzie e a Atlético Palmeiras, criaram a APSA (Associação Paulista de Sports Atlético). Por trás dessa divisão, se identificaram dois motivos: o primeiro era sobre o local onde se disputavam as partidas oficiais. A LPF queria que os jogos ocorressem no Parque Antártica, os quais custavam 200 mil réis por mês, e o Paulistano pretendia que fossem realizados no Velódromo, ao custo de 200 mil réis por partida. (MAZZONI *apud* DIAFÉRIA, 1992, p.141) ²

O segundo motivo é ligado à versão sobre o confronto entre a manutenção do futebol oficial como elitista em oposição a sua popularização, que não era aceito pelo Paulistano e o Mackenzie, já que recusavam a idéia da participação de clubes de várzea no campeonato oficial.

²Ocorreram várias crises anteriores na LPF, a Atlético Palmeiras e o Mackenzie estiveram afastados em vários campeonatos e o SPAC abandonou a prática do futebol de competição, devido ao profissionalismo marrom, por parte do Paulistano e Americano.



Neamp

Esse ângulo foi abordado por Anatol Rosenfeld, para quem muitas das confusões da política de clubes e federações explicam-se por um tenaz conflito de classes:

Em 1913, o Clube Paulistano rompeu com a associação existente e fundou uma nova, na aparência, por causa de um motivo insignificante, mas na realidade porque queria fazer uma seleção rigorosa e exigia que as equipes fossem integradas por jovens delicados e finos. (1993, p.85)

Diversos cronistas e historiadores defendem essa tese ao apontar que a origem do primeiro rompimento no interior da LPF foi à filiação do Ypiranga Futebol Clube, uma equipe de origem varzeana. Teria sido diante desse fato que o São Paulo AC abandonou a prática do futebol por defender que a LPF devia abrigar somente distintos cavalheiros.

A tentativa da manutenção do caráter elitista do futebol disputado na liga oficial, serviu de referência para a análise de diversos estudos e esta diretamente ligada ao cronista Tomaz Mazzoni (1950) e Anatol Rosenfeld (1993), que por sua vez utilizaram algumas conclusões extraídas da obra de Antônio Figueredo (1918).

Em relação às agremiações tradicionais não pretendemos negar que alguns de seus componentes nutriam preconceito contra grupos e clubes populares. O escritor Antonio Figueredo comentou essa discussão na liga, pois alguns clubes já estavam utilizando atletas oriundos da várzea: “...Dessa forma apareceram no Velódromo da noite para o dia, inúmeros sportmen de outras plagas e outros costumes...os antigos fiéis aos velhos hábitos receberam com hostilidade os seus companheiros” (1918: 131).

Nos arquivos da FPF encontramos referência a diferentes teses:

Havia dois partidos entre seus dirigentes, um era favorável à seleção rigorosa do clube e outro que defendia o direito de ricos e pobres praticarem o futebol. Para fomentar o desentendimento entre a Liga e o Paulistano, motivada por interesses econômicos...o Parque Antártica como campo oficial, com o que não concordou o Paulistano que alegava o Velódromo como local da partida Paulistano x Americano....chegando o dia do jogo, cada equipe foi para um local...a Liga deu os pontos para o Americano e o Paulistano inconformado, convidou a Atlético Palmeiras para fundação de uma nova entidade.

Sobre o Paulistano, diversos autores afiançaram que o pretexto principal para o seu rompimento com a LPF foi a inserção dos clubes populares, desconsiderando por completo seus interesses



Neamp

econômicos imediatos no aluguel do Velódromo. Também, não apontaram nenhuma documentação cartorial (regulamentos da liga\atas dos clubes) ou jornais de época, que faça menção exclusiva sobre essa hipótese, que consideramos como parte do processo de cisão.

Buscamos nos periódicos do período informações sobre esse episódio, visto que são fontes importantes para analisarmos esses primeiros passos do futebol, mesmo que representem as opiniões dos responsáveis pela publicação.

Neste contexto, fizemos um pequeno roteiro da crise a partir do material de época disponível, iniciando pelo *O Diário Popular* que informou sobre o segundo *match* do campeonato da LPF de 1913, entre os *teams* do Paulistano e Americano no Parque Antártica, considerados dois terríveis concorrentes. A primeira rodada em 06 de abril, transcorreu normalmente com o embate entre o SC Internacional e Ypiranga:

FOOTBALL

No “ground” do Parque Antártica, haverá amanhã o segundo “match” do campeonato iniciado domingo passado com muita animação e entusiasmo. Entram em campo amanhã os “teams” do Paulistano e Americano dois terríveis concorrentes que anno passado tanto se salientaram. A luca, por isso, está despertando grande interesse por todos que apreciam o “football”. *O Diário Popular* (11.04.1913)

Na edição do mesmo jornal no dia 14 de abril: “deixou de se realizar o segundo *match* do campeonato, devido a uma desinteligência entre o C.A. Paulistano e a diretoria da liga paulistana, entendendo aquelle que o encontro deveria ser no Velódromo paulista”, confidenciou o jornal que uma assembléia da liga iria tratar do assunto.

O campeonato da LPF continuou a ser disputado e encontramos talvez a primeira nota esportiva em um jornal de grande circulação sobre a participação do Corinthians em uma competição oficial: “No campo da Antártica deve ser disputado amanhã um match de campeonato da liga paulista entre os teams do S.C. Germânia e S.C. Corinthians”. *Diário Popular* (19.04.1913)

Poucos dias depois, nova nota sobre a continuidade dos embates esportivos, com vários elogios aos contendores e simpatizantes desse esporte:



Neamp

Está marcado para amanhã no Parque Antártica, um “match” de campeonato, que deve despertar muito interesse nos entusiastas do belo jogo, pelo grande valor dos “teams” que se encontram – Germânia e Americano.

Jogo treino: A.A. das Palmeiras

1º x 2º “teams”.

Diário Popular (26.04.1913)

O jornal Diário Popular que havia publicado pequenas notas sobre o início do campeonato da LPF, pareceu animado em informar seus leitores sobre o início do campeonato rival promovido pela APSA, destacando a probabilidade de contar com um grande número de expectadores no encontro que se realizaria no Velódromo. Notemos que o citado jornal tinha grande parte de seu conteúdo formado por classificados sobre empregos, venda e aluguel de imóveis, propaganda comercial. Isso permite cogitar se essa notícia esportiva poderia ter sido uma nota paga, devido à concorrência entre as duas ligas ou que o futebol estava ganhando espaço em diversas empresas de comunicação.

A. P. dos sports athleticos no velódromo paulista, à rua da Consolação, realiza-se hoje a primeira prova do campeonato de “football” promovido pela A.P. Sports athleticos.

Entram em lucta, nessa prova o C.A Paulistano a a A.A. do Makenzie college, ora desligados da liga paulista de “football”, a que durante longos annos emprestaram o fulgor de seu brilhante curso.

São os concorrentes do “match” desta tarde os “teams” de simas tradições e que entre as rodas esportivas de São Paulo desfrutam das melhores sympathias, impondo-se sempre pelo valor de seus elementos.

Cada qual possui seu público certo, numeroso e isso constitui naturalmente uma garantia para que se revista do maior esplendor do “match” de hoje sendo o velódromo pequeno para conter a numerosa concorrência que a elle, concerteza, afluirá:

Diário Popular (13.05.1913)

Dias depois, encontramos outra nota esportiva sobre a competição da APSA:

Associação Paulista dos Sports Athleticos

Nas rodadas esportivas rúna nesses últimos dias um grande interesse pela segunda prova do campeonato promovido este anno pela associação paulista dos sports athleticos.

Essa prova devera efectuar-se no próximo domingo, deverão bater-se com o paulistano, no velódromo encontrando-se as valentes equipes da A.A. das Palmeiras e do C.A. Paulistano.

Diário Popular (27.05.1913)



Neamp

Durante essa crise entre os dirigentes esportivos nos meses de abril e maio, quando ocorreu o rompimento e criação de uma nova entidade futebolística, encontramos o jornal *O Imparcial*, cujo cronista primeiramente teceu críticas ao que considerou um inchaço do campeonato promovido pela LPF e terminou o artigo ironizando o Paulistano e analisando com muito sarcasmo o momento dessa crise, destacando como ponto crucial a querela em torno do Velódromo em 1913, pois até essa data, o Paulistano não havia feito qualquer reclamação enquanto as partidas eliminatórias haviam se realizado no seu campo, mediante o aluguel do mesmo.

O Imparcial esportivo de São Paulo – de nosso correspondente especial:

Não se realizou o match sensacional marcado para hoje, entre as destemidas equipes do Paulistano e Americano. Nem sequer o tempo, quis contribuir com uma desculpa, afastando a multidão que se acotovelava nas arquibancadas do Parque Antártica, ansiosa para assistir a pugna entre os valentes contendores...E para desagrado nosso, somente a poderosa e déspota Ligth é que saiu lucrando...o Paulistano não compareceu...nós já esperávamos esse tremendo fiasco. Confiávamos somente no cavalheirismo do Paulistano. Perdemos por esperar. **TODA ESSA DISCÓRDIA FOI MOTIVADA PELA SOLUÇÃO DA LIGA, FAZENDO DO PARQUE ANTÁRTICA, SEU CAMPO OFICIAL. SE É VERDADE QUE O PAULISTANO EXIGIU PELO VELÓDROMO 800\$000 DE ALUGUEL E 200\$000 DE CADA MATCH, ACHAMOS QUE OS CLUBES, ANDARAM PERFEITAMENTE BEM, RECUSANDO O VELÓDROMO. E é coisa tão fácil de explicar, resolver para desfazer mentiras e desmascarar mentirosos. EXIBIR OS DOCUMENTOS DO PAULISTANO PARA A IMPRENSA E TUDO ESTARÁ ACABADO.** [grifo nosso]

O que não se pode acontecer, são os clubes semearem anarquia logo no início da temporada. Isso só serve para desmoralizar o futebol e desmerecer o JÁ POUCO MÉRITO DA DIRETORIA ATUAL...No Parque Antártica, havia uma multidão de 3.000 pessoas, o que quer dizer UMA RECEITA MAGNÍFICA, ao passo que no Velódromo, nem um único penetra. *O Imparcial* (15.04.1913)³

Ao confrontar essa crítica com os anais do Paulistano, notamos que, apesar de ser denominado como clube de elite, desde 1910 vinha sofrendo uma crise financeira pela falta de associados, o que provavelmente tornava seu campo, o Velódromo, uma fonte de renda para manutenção do time. O número de sócios havia decrescido e os custos para a manutenção dos quadros esportivos estavam cada vez mais complicados:

Entre 1906 e 1908, relatos dão conta de que o clube viveu modestamente...Em 1907, o aluguel do Velódromo subira de 250 para 400 mil-réis. A manutenção e

³Notemos que segundo *O Diário Popular* citado neste texto, houve um grande público no Velódromo, contradizendo a informação contida no *O Imparcial*, sugerindo que desde essa época, os conflitos entre clubes e ligas encontravam nos jornais aliados importantes e que travavam uma guerra de informações.



Neamp

as reformas minaram as finanças do clube. As dívidas cresceram e em 1910 o saldo do clube era de 927\$400, pouco mais de um décimo do que havia em caixa cinco anos antes....Havia um desinteresse crescente e em 1915, contava com apenas 15 sócios⁴.

Ignácio de Loyola Brandão, que escreveu a história do clube, continua o retrato desse período:

...na apatia, as mensalidades do Paulistano foram deixando de ser pagas, sócios se afastaram...De tal modo, que em 1915, o presidente José Carlos de Macedo Soares dirigia uma entidade que tinha apenas quinze membros e não possuía sequer uma sede. Estava se não morta, em coma profundo. (BRANDÃO, 1990, p.23)

Nessa mesma linha, seguiu Antonio Figueredo que presenciou esse episódio de decadência:

Em 1915 estava na penumbra, com a venda do Velódromo o Paulistano quase desapareceu, com muito esforço conseguia enviar um time completo para disputar uma partida. A Associação marcava as datas em que ele deveria aparecer. Mas e o Team? E os seus jogadores? O que havia sido feito deles? Foi quando Antonio Prado Junior, João de Barros, Fernão Salles e o capitain Carlito Aranha arregaçaram a mangas... (FIGUEREDO, 1918, 27)

Esses dados propõem um diálogo com a versão sobre o posicionamento radical do Paulistano, um clube elitista que estava em decadência junto com o Mackenzie e Atlético Palmeiras. Possuía pouco mais de quinze sócios e nos campeonatos seguintes, utilizou campos de futebol emprestados para mando de jogo. É no mínimo irônico (mas não descabível) que uma agremiação, em situação de penúria, tenha se articulado para impedir o acesso dos clubes de várzea na liga oficial.

Mediante esses fatos, acreditamos que quando a direção da LPF se recusou a continuar utilizando o Velódromo como campo oficial em 1913, foi um duro golpe contra o clube, já que havia se tornado sua maior fonte de receita. Não por acaso, o Velódromo foi justamente o campo oficial da APSA até sua demolição. De acordo com Rubens Ribeiro (2005), a LPF e o Americano encabeçaram esse enfrentamento ao Paulistano, após um acordo com o clube Germânia, para o aluguel do seu estádio, o Parque Antártica, local onde se realizaram os jogos dessa liga.

Se observarmos as datas e o local das partidas eliminatórias do campeonato de 1913 envolvendo Corinthians, Minas Gerais e São Paulo do Bexiga (23 e 30 de março), perceberemos que foram disputadas no Velódromo e que até esse momento, o Paulistano não havia rompido com a liga, isso ocorreu após o início da competição, com a utilização de outro estádio (Parque Antártica

⁴Anais do Clube Atlético Paulistano.



Neamp

em 06 de abril), diante disso é que o Paulistano não compareceu na sua partida de estréia (12 de abril).

O jogo estava marcado para o Parque Antártica, como indica o jornal *O Diário Popular* na sua edição do dia 11 de abril, o não comparecimento do Paulistano na partida, mandando sua equipe para o Velódromo, indica que o clube cindiu com a liga durante a realização da competição, visto que a promoção de um campeonato rival ocorreu somente no mês seguinte. Ainda se verificarmos as páginas do dia 26 de abril do Diário Popular, encontramos referência sobre “O jogo treino da A.A. das Palmeiras; 1° x 2° teams”, assim o segundo clube a prestar solidariedade ao Paulistano, o fez somente no decorrer da realização do campeonato da LPF e não no início das partidas classificatórias envolvendo os clubes varzeanos.

Não pretendemos eleger, qualquer uma das versões, como “verdade absoluta”, porque em nosso trabalho elas não são inconciliáveis, mas permitem compreender, por diversos ângulos, o desenvolvimento do futebol paulista nessa época, marcada por tensões e contradições (mas principalmente negociações) tanto no âmbito dos clubes populares\elite, como na relação com as ligas e no interior de cada grupo, pois nos quatro anos seguintes, a associação liderada pelo Paulistano abriu suas portas aos clubes populares\bairro como Maranhão, Minas Gerais, Ypiranga, Corinthians, Paysandu e Palestra.

Referências

- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Clube Atlético Paulistano**. São Paulo. Editora Melhoramentos. 1990.
- CALDAS, Waldenir. **O pontapé inicial-memória do futebol brasileiro**. São Paulo. Editora Ibrasa. 1990.
- DIAFÉRIA, Lourenço . **Coração Corinthiano**. São Paulo. Fundação Nestlé da Cultura. 1991.
- FIGUEREDO, Antonio . **História do Foot-Ball em São Paulo**. São Paulo. Publicação Estado de São Paulo. 1918.
- FRANCO Junior, Hilário . **A Dança dos Deuses (futebol, sociedade e cultura)**. São Paulo. Editora Companhia das Letras. 2007.
- HELEAL, Ronaldo . **Passes e impasses: futebol e cultura no Brasil**. Petrópolis. Editora Vozes. 1997.
- MAZZONI, Thomaz . **História do Futebol Brasileiro:1894-1950**. São Paulo. Edições Leia. 1950.



Neamp

MEIHY, José Carlos Sebe Bom e WITTER, José Sebastião. **Futebol e cultura. Coletânea de estudos.** São Paulo. IMESP/DESP. 1982.

MILLS, John R. **Charles Miller-memoriám SPAC.** Rio Janeiro. Fundação Biblioteca Nacional/Price Waterhouse. 1996.

RIBEIRO, Rubens . **O caminho da bola 1902-1952.** São Paulo. Editora Mauad. 2005.

ROSENFELD, Anatol . **Negro, macumba e futebol.** Campinas. Editora Perspectiva. 1993.

SALUN, Alfredo Oscar . **Palestra Itália e Corinthians: quinta coluna ou tudo buona gente?**

Tese de Doutorado. FFLCH. São Paulo. Orientador: José Carlos Sebe Bom Meihy. 2008.

SEVCENKO, Nicolau . **Orfeu Extático na Metrópole.** São Paulo. Editora Companhia das Letras. 2000.